

2ª LIÇÃO

A FÉ E O CONHECIMENTO [PARTE 2]

Qual é a ligação entre a fé e o conhecimento? Ou existe alguma? Pode uma pessoa “conhecer” e “ter fé” ao mesmo tempo, ou são coisas independentes uma da outra? Alguns têm sugerido que o ter fé, automaticamente descarta o possuir conhecimento. Tristemente, a ideia de que uma pessoa tem fé ou conhecimento, mas não ambos é muito comum na comunidade religiosa. Mas qual é a verdade do assunto? Pode a fé bíblica e o conhecimento coexistir, ou deve um ser visto como a antítese do outro?

O falecido Guy N. Wood, o qual foi por vários anos, editor da revista *Gospel Advocate*, escreveu:

[...] uma forma muito mais sofisticada do subjectivismo apareceu onde a fé e o conhecimento estão compartimentados, postos em agudo contraste e cada um, feito para excluir o outro. A acusação é que uma proposição que uma pessoa sustenta por fé não pode saber por dedução. Esta conclusão é alcançada, tomando uma definição da palavra “saber”, pondo-a em oposição à palavra “fé”, e, fazendo-as mutuamente exclusivas. Fazer isto é errar com referência, tanto à fé e ao conhecimento (1994, 136[2]:31).

Fixar o conhecimento contra a fé, ou fixar a fé contra o conhecimento, é “errar” de facto. O conhecimento e a fé não são nem diametralmente opostos nem mutuamente exclusivos. De facto, **a fé depende do conhecimento**. O mesmo Senhor não poderia ter sido mais claro na Sua avaliação da lista que o conhecimento tem que cumprir no estabelecimento da fé, quando disse: **“E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”**. (João 8:32). Se o conhecimento se relaciona à verdade, então, a fé se relaciona não menos que a Ele. Quem é a verdade (João 14:6). Tanto a fé (João 16:27-30) e o conhecimento (João 7:17) indicam que Ele e Seus ensinamentos são do Pai. O desejo do apóstolo Pedro foi

que os cristãos **“crescessem na graça e o conhecimento”** de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo (2 Pedro 3:18). O companheiro do apóstolo Pedro, Paulo, expressou o desejo de que **“sejais cheios do conhecimento da sua vontade em toda a sabedoria e inteligência espiritual”** (Colossenses 1:9). Deus **“quer que todos os homens sejam salvos e venham ao conhecimento da verdade”** (1 Timóteo 2:49.) Além disso, não somente os homens podem **saber** a verdade, mas podem **saber** que a sabem, como o apóstolo João enfatizou repetidamente. João declarou que podemos saber a verdade (1 João 2:21) e que podemos **“conhecer que nós conhecemos”** a Jesus e que **“sabemos que estamos nele”** quando guardamos os Seus mandamentos ou Sua Palavra (1 João 2:3,5).

A FÉ E A EVIDÊNCIA

Desde o ponto de vista lógico (e teórico), qualquer panorama de fé que carece de evidência objectiva é indigno do nome **“fé”**. Se a fé não é objectiva, então, como sabemos que temos fé em primeiro lugar? É com evidência objectivamente mensurável que os cristãos são mandados provar o seu litígio **“a todo o que vos pedir a razão da esperança que há em vós”** (1 Pedro 3:15). O facto é que nós cremos **por causa** da evidência, não apesar desta! Se Deus existe ou não, e como é Ele, são temas que devem ser estabelecidas apelando à evidência credível. Provar tais coisas como a existência de Deus e a legitimidade do cristianismo não é uma **opção**; é uma **obrigação**! Paulo disse: **“Examinai tudo** [literalmente, **“pôr todas as coisas à prova”**]; **retende o bom”** (1 Tessalonicenses 5:21). Quando o apóstolo escreveu aos cristãos em Filipos do primeiro século, ele falou da sua **“defesa e confirmação do evangelho”** (Filipenses 1:7).

No livro dos Actos diz-nos que Apolo **“veementemente refutava publicamente aos judeus, demonstrando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo”** (Actos 18:28). Apolo forçou os judeus a interactuar com a evidência, e por fazê-lo assim, ele refutou publicamente os seus muitos erros religiosos. Ele não conseguiu a tarefa por meio de um conceito irracional e nebuloso chamado **“fé”**. Pelo contrário usou evidência irrefutável. Quando João o Baptista, estava na prisão, ouviu das obras de Cristo e enviou os seus discípulos para perguntar: **“És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro? Respondendo Jesus, Ihes disse: Ide, e fazei saber a João as coisas que ouvís e vedes. Os cegos vêem, os coxos andam, os**

leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho” (Mateus 11:3-5). O ponto de Cristo foi este: Vejam a evidência, e analisem em suas mentes – foi exactamente o que João e seus discípulos fizeram!

O facto é que nem Cristo, nem Paulo, nem Apolo, ou nenhum outro das personagens bíblicas, alguma vez viram a fé como qualquer coisa, mas como evidência fundamentada ou conhecimento fundamentado. Hoje em dia não deveríamos considerar a fé bíblica como algo diferente.

A FÉ E O TESTEMUNHO CREDÍVEL

Embora seja certo que uma porção da evidência que constrói e sustém a fé de uma pessoa, se deriva do conhecimento experimental, também é verdade que uma porção da evidência não se deriva deste. O certo é que, uma grande porção da evidência que usamos para construir e suste uma fé legítima e teórica deriva do testemunho credível. Desde logo, os cépticos têm sugerido que a dependência do testemunho de outra pessoa não pode dar como resultado conhecimento fidedigno. Sem dúvida, nós **sabemos** que as personagens históricas tais como George Washington, Napoleão, e Alexandre o Grande, viveram, embora ninguém, que hoje vive, os tenha visto. Nós **sabemos** que Platão, Aristóteles e Sócrates viveram, embora ninguém, por várias gerações tenham fixado os seus olhos neles. Nós sabemos de outras numerosas pessoas e eventos da mesma maneira, como o resultado directo do testemunho credível, passado fielmente de geração a geração. Se recusássemos o testemunho credível, perderíamos todo o conhecimento das pessoas e dos eventos fora do tempo da vida das testemunhas reais que viveram aquelas pessoas e eventos reais.

Além disso, o material bíblico provê um bom caso de prova para a precisão da informação passada de uma pessoa a outra. Em Marcos 16, regista-se o relato de Maria Madalena tendo visto o Senhor depois da Sua ressurreição. Ela imediatamente foi e disse aos outros discípulos, como o texto indica, “não acreditaram” (Marcos 16:11). Logo, Jesus apareceu a dois homens que caminhavam na povoação. Eles, também foram ter com os discípulos e anunciaram que o Senhor estava vivo, mas os discípulos “nem mesmo a eles creram” (Marcos 16:13). Foram

estes discípulos justificados em recusar a notícia da ressurreição do Senhor meramente porque não tinham sido testemunhas oculares? Foi a sua incredulidade, de algum modo. evidência de “integridade intelectual” de sua parte? Estiveram correctos, e foram elogiados por recusar as diferentes notícias originadas por testemunhas oculares de confiança?

Não, os discípulos não foram justificados em sua incredulidade. Nem tão pouco foi a incredulidade evidência de algum tipo de integridade intelectual da sua parte. Logo, quando o Senhor lhes apareceu, foi obvio que não apreciava nem o seu cepticismo ou o seu fracasso para aceitar o testemunho credível, quando os reprovou pela sua incredulidade e dureza de coração, porque não tinham crido aos que o tinham visto ressuscitado (Marcos 16:14). Por conseguinte, o Senhor verificou o facto de que o testemunho credível representava evidência adequada, sobre a qual se pode basear a fé de uma pessoa. Se Maria Madalena tivesse expresso exactamente aos discípulos o que tinha visto, e se eles por sua parte tivessem expresso o que lhes havia sido contado, não construiria isto evidência válida ou testemunho fundamentado que garantia a fé genuína na ressurreição? Os factos devem ser relatados antes que estes possam ser credíveis. Em Actos 18:8, se trata a situação de que “**muitos dos coríntios, ouvindo, creram....**” O que ouviram para que causasse que cressem? Foi o testemunho previsto por Paulo. Por conseguinte, a fé pode ser descrita como o conhecimento baseado sobre o testemunho credível.

Outro exemplo bíblico que documenta a legitimidade da construção-natural da fé pelo testemunho fiável, pode ser encontrado no caso que implica a recusa de um dos apóstolos de Cristo para crer na ressurreição, sem evidência empírica. Em João 20:24-29, se regista o relato como Tomé (frequentemente referido como o “incrédulo Tomé”) recusou o testemunho dos seus companheiros discípulos, dizendo: “**Se eu não vir o sinal dos cravos nas suas mãos, e não meter o dedo no lugar dos cravos, e não meter as minha mão no seu lado, de maneira nenhuma crerei.**” (João 20:25). Embora Tomé devesse ser elogiado pelo facto de que solicitou evidência adequada para a tarefa de construir e sustentar a sua fé, ao mesmo tempo **não** deveria ser elogiado por recusar aceitar uma das vias legítimas para obter esta evidência – o testemunho credível. Note que quando Cristo aparece a Tomé lhe disse: “**Bem-aventurados os que não viram**

e creram.” (João 20: 29b). O ponto de Cristo foi que, embora Tomé pudesse construir e sustentar a sua fé pela evidência empírica de primeira mão, haveria alguns que achariam necessário construir e sustentar sua fé sobre a base do testemunho credível que viria muito tempo depois dos eventos reais, aos quais tais testemunhos faziam referência. As pessoas das quais Cristo falou, nunca teriam a oportunidade de presenciar, desde a perspectiva de uma primeira pessoa, as coisas que Tomé tinha visto. Sem dúvida, isso não significava que eles possuiriam uma fé que seria algo menos válida. A sua fé não seria denegrida pela falta de evidência empírica, já que o testemunho credível de testemunhas fiáveis poderia também servir como para estabelecer a autenticidade da vida, morte, e ressurreição de Cristo.

A FÉ E A VISTA

Existe pouca dúvida de que muito do mal entendido acerca da fé e do conhecimento, tem surgido de um abuso do enunciado de Paulo em 2 Coríntios 5:7, onde o apóstolo diz que **“por fé andamos, não por vista.”** Para entender esta passagem apropriadamente (ou qualquer outra passagem da Escritura referente a este tema), devemos ver cuidadosamente tanto o contexto imediato como o remoto. O ponto de Paulo em 2 Coríntios 5:7, é tanto ampliado e classificado pelo seu enunciado no versículo 16 do mesmo capítulo: **“Assim que, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne, e, ainda que também, tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo, agora, já não o conhecemos deste modo.”** Noutras palavras, Jesus tinha estado aqui na carne no passado, e portanto pode ser conhecido. Mas no tempo que Paulo escreveu 2 Coríntios 5:16, a situação tinha mudado, já que Cristo não estava mais na Terra – que é a razão pela qual o apóstolo reiterou o ponto que “já não o conhecemos assim”. Desde logo, Cristo todavia podia ser conhecido (2 Timóteo 1:12), mas não “segundo a carne”. Se Paulo tivesse escrito 2 Coríntios vários anos antes, enquanto Cristo todavia estava vivendo no oriente, estas passagens (5:7,16) nunca se teria incluído entre o seu comentário. Mas já que estas se escreveram em algum tempo posterior à ascensão de Cristo, Paulo esteve forçado a fazer a comparação que ele fez em 2 Coríntios 5:7.

O seu ponto, simplesmente, foi este. Houve um tempo em que a fé e a visão iam juntas. Quer dizer, em um tempo na história, os homens andavam por fé por **causa da visão**. Por exemplo, isto foi

verdade no caso de Tomé, quando Cristo lhe disse depois da Sua ressurreição, **“Porque me viste, creste”** (João 20:29). Os samaritanos creram no Senhor, pelo menos em parte, porque eles O tinham **visto** (João 4:41). Isto foi verdade no caso de muita gente do primeiro século que foram suficientemente afortunados para presenciar, de primeira mão, tais coisas como os milagres de Cristo, Sua morte e ressurreição, ou os maravilhosos milagres e sinais feitos pelos apóstolos depois da Sua ressurreição.

Não obstante, como declaramos anteriormente, embora a fé possa ser contrastada com um **método de obter o conhecimento**, a fé nunca é contrastada com o **conhecimento em si mesmo**. A intenção de Paulo em 2 Coríntios 5:7 de que **“andamos por fé, não por vista”** não foi para contrastar a fé e o conhecimento, mas, pelo contrário, contrastar a fé que é produzida por vista com a fé que é produzida por outros meios de conseguir conhecimento.

Hoje em dia os cristãos podem ter uma fé como rocha sólida **sem** a visão, graças ao testemunho credível das testemunhas fidedignas e outros meios de conhecimento que não são necessariamente dependentes em ter visto algo pessoalmente. De facto, esse foi o ponto de ênfase de Pedro quando escreveu acerca de Cristo, **“o qual, não o havendo visto amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais, com gozo inefável e glorioso. Alcançando o fim da vossa fé, a salvação das vossas almas.”** (1 Pedro 1:8,9). Todos nós cremos em pessoas, lugares e acontecimentos que nunca vimos pessoalmente, e que ninguém da nossa geração viu em primeira-mão. Mesmo isso não denigra de nenhuma maneira a veracidade das pessoas, lugares ou acontecimentos. Nem denigra a fé rotineira produzida por meio do testemunho credível da pessoa do passado, as quais, sim, presenciaram tais coisas. Certamente, uma pessoa pode “andar por fé, não por vista” e todavia possuir conhecimento.

A FÉ E A REVELAÇÃO

A fé bíblica, em adição ao facto de ser produzida por tais coisas como a vista, o conhecimento experimental, e o testemunho credível, frequentemente é produzida por revelação. A revelação é definida como “uma declaração sobrenatural por Deus de qualquer verdade que não poderia ser descoberta pelas forças únicas da razão humana.” O teísta afirma que Deus se tem revelado a Si mesmo à humanidade – por meio dos sessenta e seis livros da

Bíblia – de uma maneira muito específica. Falando em termos gerais, tem existido somente uma revelação permanente – a revelação sobrenatural encontrada nas Santas Escrituras. Sem dúvida, através da história da humanidade, Deus se tem dado a conhecer a Si mesmo e à Sua vontade pelo menos de três maneiras diferentes: teofanias, milagres e comunicações directas.

As teofanias são aparições de Deus mesmo. Se fala d'Ele como estando entre querubins (Salmos 80:1; 99:1). Ele apareceu a Moisés em uma sarça ardente (êxodo 3:2). E apareceu a Job em um redemoinho (Job 38:1; 40:6). A teofania alcança o seu mais alto ponto na encarnação, na qual Jesus Cristo se fez carne e habitou entre os homens (João 1:1-5,14; 3:16; 14:9).

Deus escolheu revelar-se a Si mesmo através dos **milagres** que não somente exibiam o Seu poder e presença, mas que enfatizavam muito bem grandes verdades. O Criador do Universo manifestou a Sua presença nas obras do Seu dom criativo (Salmos 19:1; Romanos 1:20,21). Os milagres confirmavam as palavras das profecias, e se apresentavam como evidência da onipotência de Deus para as pessoas que Ele tinha criado. Deus também se manifestou a Si mesmo através de comunicações directas. E por fazê-lo assim, fez que os Seus pensamentos e vontade sejam conhecidas pelos homens. Algumas vezes foi através de uma voz audível, tal como, quando Deus instruiu a Adão e Eva a não comer da árvore da ciência do bem e do mal (Gênesis 2:16,17). Algumas vezes Ele obrou através de visões e sonhos (gênesis 20:3; Números 12:6). Em ocasiões únicas, Ele mesmo fez conhecer a Sua presença duma maneira não usual, tal como falar por meio da boca de um asno (Números 22:28). E, Deus comunicou os Seus pensamentos e vontade por meio do Espírito Santo (João 16:13; 2 Pedro 1:20,21).

A verdadeira fé bíblica pode estar baseada sobre numerosos meios de obtenção de evidência. Algumas vezes (podemos dizer memo frequentemente), tal evidência está baseada sobre o testemunho recolhido da revelação, que é a razão pela qual Paulo escreveu: **“Assim que a fé é por ouvir, e o ouvir, pela palavra de Deus”** (Romanos 10:17).

A razão tem um importante contributo na construção da fé por meio da revelação, já que é pela capacidade de raciocínio apropriado que uma pessoa constrói a sua fé.

É razoável crer em Deus? Considerando a quantidade e a classe de evidência disponível para estabelecer a Sua existência fora de toda a dúvida razoável, realmente o é!

É razoável aceitar a Bíblia como a Sua Palavra inspirada? Considerando a quantidade e a classe de evidência disponível para estabelecer esse facto fora de toda a dúvida razoável, realmente o é!

É razoável aceitar a Jesus Cristo como o Filho de Deus nascido de uma virgem e ressuscitado?

Considerando a quantidade e a classe de evidência disponível para estabelecer tal reclamação fora de toda a dúvida razoável, realmente o é!

Por raciocinar correctamente, e por empregar a Lei da Racionalidade (que declara que deveríamos aceitar somente aquelas conclusões para as quais há evidência adequada), os cristãos não somente podem construir uma fé legítima, mas também podem estabelecer a validade da Palavra de Deus e refutar reclamações erróneas referentes a revelações falsas.

A FÉ E A DÚVIDA

A fé implica, em alguma maneira, a dúvida? Não, definitivamente não – nunca! De facto, a fé é a antítese da dúvida, a qual pode ser vista ao examinar Romanos 14:23 e Tiago 1:6-8. Na passagem de Romanos, Paulo escreveu:

“[...] o que duvida sobre o que come, é condenado, porque não o faz com fé; e tudo o que não provém de fé, é pecado”. Em Tiago 1:6-8, Tiago aconselhou os cristãos fiéis a **“pedir com fé”, não duvidando; porque o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento e lançada de uma para outra parte. Não pense tal homem que receberá do Senhor alguma coisa. O homem de coração dobre é inconstante em todos os seus caminhos”.**

Através do Novo Testamento, a “dúvida” é expressa em termos negativos como algo para ser evitado. Jesus explicou aos Seus discípulos que eles poderiam mover montanhas se somente cressem e não duvidassem (Mateus 21:21,22; Marcos 11:23,24). Paulo advertiu os cristãos de Roma que eles permaneceriam em condenação se duvidassem do proveito de comer coisas sacrificadas aos ídolos (Romanos 14:23). E, desde logo, o exemplo clássico é o do “incrédulo Tomé”, a quem Cristo disse: **“Não sejas incrédulo, mas crente”** (João 20:27). Ser um cristão não significa

que a nossa fé nunca será desafiada ou que nunca experimentaremos a dúvida. Mas uma coisa é declarar que a fé não **implica** a dúvida, e completamente outra, o sugerir que a fé nunca **enfrentará** a dúvida.

Em João 7:15, a Bíblia indica que, quando Jesus se dirigiu aos judeus em seu próprio templo, eles se maravilhavam do Seu ensino. Mas Jesus objectou, e disse: **“A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. O que quer fazer a vontade de Deus conhecerá se a doutrina é de Deus, ou se eu falo por minha própria conta”** (João 7:16,17). O ponto de Jesus para os judeus devotos do templo, foi simplesmente que Deus tinha dado à humanidade a habilidade de **escolher**. Se uma pessoa não **deseja**, pode aceitar a Deus e a Seus ensinamentos, mas Deus nunca se imporá a Si mesmo sobre aquela pessoa. Quando o apóstolo João trouxe à conclusão o livro de Apocalipse, escreveu: **“E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida.”** (Apocalipse 22:17). Desde logo, a frase em funcionamento é, “o que queira”. A incredulidade deve ser substituída por uma forte determinação e um zelo renovado. Ambos são de suster a nossa fé, mesmo (ou especialmente) perante a dúvida.

CONCLUSÃO

A Bíblia é uma convicção baseada sobre a evidência credível, quer a evidência se derive do conhecimento experimental, do testemunho fidedigno ou da revelação divina. Mas um factor importante necessita ser enfatizado: em nenhuma parte da Bíblia trata ou reconhece a legitimidade de algum conceito tal como um “passo de fé”. A fé sempre é evidência fundamentada ou conhecimento fundamentado. Em vez de um “passo na obscuridade”, a fé bíblica é um “passo na luz”.

&&&&&&&